

ESPM no topo das Américas

O planejamento de um projeto de altíssimo risco.



Preparado pelo Prof. Rodrigo Siqueira, ESPM RJ,
com revelantes contribuições de Camila Freire Bezerra,
pesquisadora do projeto de iniciação científica (PIC).
2008

Destinado exclusivamente ao estudo e discussão em classe, sendo proibida a sua utilização ou reprodução em qualquer outra forma. Direitos reservados ESPM.

RESUMO

Este caso descreve o processo de planejamento e execução de uma expedição de alta montanha. O caso apresenta os desafios enfrentados pela expedição e o planejamento e gerenciamento de riscos empreendidos de forma a evitar mortes e aumentar a possibilidade de chegada ao cume. A expedição ocorreu entre 5 e 17 de janeiro de 2006 no monte Aconcágua, situado na cordilheira dos Andes e a maior montanha do hemisfério sul e do ocidente, com 6962 metros de altitude. Apresentam-se aqui os fatos ocorridos e por final, estabelecem-se alguns questionamentos pertinentes ao planejamento tanto quanto a execução.

Palavras-chaves: Planejamento, Projetos, Expedição, Risco, Execução.

ESTRUTURA

1. Uma visão

2. Expedições de Alta Montanha

3. O Planejamento da Ascensão

4. A Ascensão

5. Perguntas do caso

6. Referências

Apêndices

1. Uma visão

"El Aconcagua... El Centinela de Piedra... En sus pendientes inhumadas, donde el hielo y el viento son soberanos, suelen tocarse los extremos: el principio y el final de un camino; el éxito y el fracaso; la vida y la muerte." Autor desconhecido

O que leva um homem se unir a outros e se aventurar a lugares inóspitos, enfrentar condições extremas de sobrevivência, a saudade da família, solidão e mesmo assim seguir adiante? Que sentimento ou razão existem para essas pessoas se imporem tamanho desafio e ainda assim, persistirem?

Tais perguntas são difíceis de serem respondidas, tanto para os montanhistas quanto (e ainda mais) para os que não são. Em janeiro de 2006, Rodrigo Siqueira, montanhista e professor da ESPM partiu rumo ao Aconcagua esperançoso de vivenciar uma experiência ímpar e alcançar o cume da montanha. O caso a seguir apresenta os desafios enfrentados pela expedição assim como aspectos do planejamento empreendido. A expedição ocorreu entre 5 e 17 de janeiro de 2006 no monte Aconcagua maior montanha do hemisfério sul e do ocidente, com 6962 metros de altitude.

A idéia de escalar o Aconcagua surgiu em janeiro de 2005, quando em turismo pelo Chile, Rodrigo atravessou a fronteira da Argentina e seguiu até o parque nacional do Aconcagua, situado nas imediações da cidade de Mendoza. A visão do grande sentinela de pedra, mesmo a 40 quilômetros era imponente e como uma paixão à primeira vista, a idéia de escalar a montanha não saiu de sua mente por um ano. Todo o ano de 2005 foi de planejamento para enfrentar uma expedição em terreno desconhecido e sem a contratação de guias profissionais. Tal como um empreendimento de negócios, tal projeto precisava ser planejado: Expedições de alta montanha são perigosas e envolvem mais do que perder tempo e capital investido: a perda de vidas.

2. Expedições de Alta Montanha

Expedições de alta montanha despertam o interesse da mídia e pessoas comuns devido ao fato dos riscos serem proporcionais às conquistas empreendidas pelos montanhistas. No dia 18 de maio de 2006, o Brasil chegou ao cume do Everest, a montanha mais

alta do mundo localizada na cordilheira do Himalaia com seus assombrosos 8848 metros, sem o auxílio de oxigênio suplementar. Entretanto, maior divulgação do que o feito obteve a trágica morte do alpinista Vítor Negrete, que não conseguiu retornar em segurança e faleceu no dia 19 já no último acampamento avançado, pouco abaixo do cume.

O interesse do homem pelas montanhas vem desde o início da história humana. Os motivos variam desde religiosidade, admiração, superação, medo e o fascínio pelo desconhecido. Na Grécia Antiga (2000 A.C.), por exemplo, acreditava-se que os deuses habitavam o topo do Monte Olimpo, principal montanha da região. Já na idade média, por volta do século XV, devido a forte visão teocêntrica da época, acreditava-se que no alto das montanhas viviam monstros e dragões. Foi com o início do Iluminismo (século XVIII), movimento histórico que incentivou o desejo de conhecer a si próprio e o mundo ao redor, que as montanhas passaram a aguçar a curiosidade do homem e fazê-lo aventurar-se nelas com espírito desbravador.

Assim, Horace Benedict Saussure, naturalista, físico e professor de Filosofia na Universidade de Genebra, aspirando realizar inúmeras pesquisas científicas no Mont Blanc, ponto culminante dos Alpes Europeus com 4.807 metros de altitude, ofereceu uma recompensa em dinheiro para quem descobrisse a via de ascensão à montanha. Com isso, após muitos anos de tentativas, em 1786, o médico Michel-Gabriel Paccard e o pesquisador de diamantes Jacques Balmat, chegaram ao cume do Mont Blanc, iniciando a história do montanhismo.

Com o decorrer da história, as montanhas foram conquistando diferentes significados e sentimentos para o homem. Depois de chegarem a ser vistas com medo e aversão, hoje atraem olhares extasiados dos admiradores da natureza, e tornaram-se, além de fonte de lazer e recreação, objetos de desejo para um seleto grupo de esportistas: os Montanhistas.

As informações que seguem foram coletadas durante a fase de planejamento da expedição.

2.1 O Aconcágua

Localizado na região de Punte Del Inca perto da cidade de Mendoza, na Argentina, o Monte Aconcágua mostra-se imponente com 6962 metros de altitude. A maior montanha fora do Himalaia é foco de desejo e perplexidade devido ao seu monumental porte impondo-se como a maior montanha dos Andes, das Américas e de todo Ocidente.

O nome Aconcágua é de origem indígena e a corrente mais forte de lingüistas afirma que esse nome possui uma raiz no idioma Quéchuá e deriva de "*Ackon Cahuak*" cuja tradução de seria "*Sentinela de Pedra*".

Apesar de não estar na faixa dos 8000 metros, como várias montanhas do Himalaia, o Aconcágua é considerado "a pequena de oito mil" devido à escassa umidade presente, ao ambiente desértico e as condições climáticas semelhantes as apresentadas em muitos picos de 8000 metros. Segundo especialistas, o esforço psicológico e físico de se ascender o Aconcágua supera em muito seus quase 7000 metros.

Mesmo assim, e talvez por isso mesmo, todos os anos centenas de montanhistas de diversos países adquirem ser "permiso" por 1000 dólares em Mendoza (ver anexo 1) para ascender o Aconcágua, exonerando de responsabilidade o governo por qualquer acontecimento que possa vir a ocorrer, inclusive sua morte.

Diversas rotas¹ podem ser trilhadas para se alcançar o cume, mas três rotas são clássicas e as demais apresentam-se em sua maioria como variações destas, quais sejam: Rota Normal, Glaciar dos Polacos e Parede Sul. A mais fácil, mais escolhida e ainda assim muito difícil e responsável pelo maior número de mortes, é a Rota Normal. Essa foi a rota escolhida para a expedição.

2.1.1. A Rota Normal²

A Rota Normal segue desde a entrada do parque provincial do Aconcágua, à aproximadamente 2850 metros de altitude na região de Puente Del Inca e ainda em um terreno com aspecto familiar com vegetação, pássaros e até cachorros. Após 6 Km de caminhada, chega-se a Confluência. Este acampamento é o acampamento mais próximo da montanha antes dos campos bases das três rotas: Plaza de Mulas (Normal), Plaza Argentina (Polacos) e Plaza Francia (Pa-

rede Sul). É aconselhável dormir ao menos uma noite em Confluência para que o corpo aclimate-se à nova altitude, nesse ponto, de 3300 metros.

Seguindo para o acampamento base da Rota Normal, Plaza de Mulas, o montanhista enfrenta um desafio físico e mental intenso. Uma caminhada de 25km em terreno irregular, com clima seco, em altitude se elevando a cada passo e a conseqüente rarefação do ar fazem dessa aproximação uma experiência marcante. Uma paisagem cada vez mais inóspita e sinais de vegetação desaparecendo a cada metro vencido. Geralmente um trajeto percorrido em 10 horas, o montanhista finalmente chega à Plaza de Mulas (4200 metros). Lá encontra-se uma boa estrutura de barracas, atendimento médico, banheiros, barracas-lanchonete e até Internet. Últimos momentos de civilização. A partir de Plaza de Mulas, não há nos acampamentos superiores resgate de helicóptero ou qualquer outro luxo para o montanhista.

Do acampamento base o montanhista segue sua ascensão já na montanha, agora com uma inclinação muito maior e esforço físico exponencialmente maior. Alguns locais seguros para se acampar a partir daí são os chamados "acampamentos superiores" e são estrategicamente usados dentro de um planejamento de ascensão feito por cada equipe expedicionária: Plaza Canadá (5000 metros), "cambio de pendiente" (5150 metros), Nido de Condores (5500 metros), Berlim (6000 metros) e Independência (6500 metros). O Cume situa-se a 6962 metros e muitos montanhistas tentam atingi-lo a partir de Nido de Condores. Depende, em suma, do planejamento, dos equipamentos, das condições climáticas e das condições físicas e psicológicas do montanhista. Uma vez o cume tenha sido alcançado ("Hecho Cumbre"), o caminho de volta é o mesmo. É no caminho de volta que a maior parte dos acidentes acontece. A explicação é simples: O montanhista exausto não poupou forças ou gerenciou o tempo para se chegar ao cume. Assim, pode não sobrar forças para voltar ou mesmo ser pego no cume por um mal tempo ou por uma queda brusca e mortal de temperatura.

Em geral, a ascensão demora de 7 a 10 dias. Necessário para dar tempo ao corpo se aclimatar e não sofrer dos piores sintomas do mal de montanha.

¹ Para mais informações sobre as rotas, ver www.aconcagua.com

² Vide fotos do caminho no apêndice 1 – Fotos

2.2 O Mal de Altitude (Mal Agudo de Montanha)

"Your minds and bodies are deteriorating. Brain cells were dying. Our blood was growing dangerously thick and sludgelike. Capillaries in our retinas were spontaneously hemorrhaging. Even at rest, our hearts beat at a furious rate." Jon Krakauer

O mal agudo da montanha – MAM – trata-se de um conjunto indesejado de sintomas que ocorrem no organismo resultante da subida em altitude, em geral, superior a 2900 metros. A inalação de oxigênio é menor à medida em que se sobe em altitude, devido à baixa de pressão atmosférica que faz as moléculas de oxigênio estejam mais dispersas. O MAM pode desencadear, caso não seja feita uma profilaxia adequada, patologias mais graves como o ECA – edema cerebral agudo, e EPA – edema pulmonar agudo.

O melhor tratamento profilático é sempre subir com cautela buscando a aclimação. Aclimatar-se é fazer com que seu corpo produza mais hemácias para compensar o pouco oxigênio. O procedimento mais comum é subir até uma altitude mais elevada e descer parte do que se subiu. *"Trabalhar alto e dormir baixo"*, dizem os alpinistas. Esse procedimento faz com que o corpo comece a produzir glóbulos vermelhos para suportar altas altitudes e quando se desce, o corpo está nesse processo de produção. Quando se sobe novamente, já se está aclimatado, ou seja, com mais hemácias transportando mais oxigênio. Assim o alpinista vai alcançando maiores altitudes com maior segurança.

Uma vez que os sintomas de mal da montanha tenham surgido, o melhor que o alpinista tem a fazer é descer a altitudes mais baixas (onde existe maior pressão atmosférica e mais oxigênio inalado) até sentir-se melhor e depois tentar a subida.

3. O Planejamento da Ascensão

"Todo homem sonha, mas não da mesma maneira. Aqueles que sonham à noite, nos poeirentos refúgios da mente, despertam pela manhã e descobrem que era vaidade; mas os sonhadores do dia são homens perigosos, pois para realizá-lo podem representar seu sonho de olhos abertos." T. E. Lawrence

3.1 Um ano de planejamento para dez dias de execução

Após passar a virada de ano – 2005 para 2006 – com amigos, em casa, Rodrigo dormiu por duas horas antes de embarcar para a viagem mais espetacular que já realizou: escalar o Monte Aconcágua, a maior montanha do ocidente, com 6962 metros de altitude.

Por meio de uma comunidade dedicada ao Aconcágua no Orkut, Rodrigo conheceu seus companheiros de viagem: Plic, alpinista carioca e já veterano de Aconcágua; Rosier, alpinista cearense e também já veterano de Aconcágua e Everton Pelissari, alpinista gaúcho, também neófito em alta montanha. Além destes, Alexandre, um amigo carioca foi convidado a integrar a equipe. Dessa maneira foi formada a equipe de montanhistas da expedição: conversas informais, encontros via web e um encontro no Rio antes da reunião definitiva em Mendoza.

Por meio de encontros virtuais via MSN, telefone ou e-mail, foram discutidos aspectos burocráticos da viagem, como a cotação passagens para Mendoza, documentações necessárias, hospedagens e a empresa que disponibilizaria mulas para levar alguns equipamentos e alimentação até a chegada ao acampamento base.

O levantamento de informações sobre a montanha e seus riscos foram feitos minuciosamente. Leitura de livros sobre o tema, compra ou aluguel de filmes de montanha e contatos com montanhistas que já haviam feito o Aconcágua foram fundamentais para se estabelecer um plano de ascensão assim como a definição dos equipamentos e mantimentos a serem comprados.

O plano de compras de equipamentos e mantimentos foi feito de maneira detalhada, pesquisando antes os melhores fornecedores respeitando o nível de qualidade dos produtos a serem comprados. Após uma revisão de todo equipamento a ser usado, foi feita a compra dos equipamentos levando em consideração o preço mais atrativo.

Os equipamentos utilizados vão desde roupas especiais, passando por walkie-talk para comunicação entre os membros da expedição e alimentos típicos de alta montanha, quase sempre difíceis de serem encontrados no Brasil ou quando encontrados, muito caros.

Como nem todos os equipamentos são passíveis de uso fora de altas montanhas, alguns equipamentos foram alugados em Mendoza. A lista de equipamentos alugados incluiu:

Botas Duplas;
Grampons;
Fogareiro MSR à base de Benzina.

A lista de equipamentos comprados na Argentina e Chile incluiu:

Parka de Gore Tex XCR da Ansilta;
Casaco de Duvet (pena de ganso) da North Face;
Polar Tek de 200 (calça) e 300 (tronco);
Luvas de Duvet da Ansilta;
Primeira pele da El Refugio;
Fogareiro Doite à base de propano-butano;
Butijões de propano-butano;
Garrafas com benzina;
Óculos de montanha da Becê;
Óculos de neve da Oakley;
Piolet da Black Diamond.

Outros equipamentos trazidos do Brasil:

Comidas liofilizadas da Mountain House (importada dos EUA);
Barras de proteína;
Powergel;
Sport drink;
Barraca da Eureka! (modelo AlpenLite);
Saco de dormir de Duvet da Marmot para -18 graus;
Calça de Alta Montanha;
Isolantes;
Head lamps da Black Diamond;
Meias de Trecking e meias elétricas;
Botas da Salomon de Gore Tex.

Ao todo foram gastos cerca de R\$ 15 mil, que incluem passagens, alimentação e toda a preparação, com capital próprio.

A preparação física – no Rio de Janeiro – tinha acontecido no plano do que foi possível realizar. Incluiu subidas à Pedra da Gávea mais de uma vez por semana, corridas na praia e pedaladas – na ciclovia – no sentido Barra da Tijuca-Recreio-Barra da Tijuca. Sa-

bia, entretanto, que a aclimação à altitude e o estado psicológico seriam mais decisivos na montanha do que um excelente condicionamento físico.

Concomitante a aquisição dos equipamentos e mantimentos, um plano de ascensão foi elaborado pela equipe. Esse planejamento anterior é fundamental para o processo decisório dentro montanha, pois muitas vezes a falta de oxigênio ou a “febre de cume” – sentimento irracional que impulsiona o montanhista para cima por mais arriscado que possa estar a situação – são péssimos conselheiros.

O objetivo traçado por Rodrigo para o projeto foi vencer ao máximo a experiência, fazendo dela um aprendizado. O cume era desejado, mas não era o fim em si mesmo. Tal fato influenciou a escolha de não contratar guias, barracas ou alimentação dentro da montanha e buscar, por vezes, momentos contemplativos e reflexivos dentro da montanha.

Mais além, a redação de diário e publicação do mesmo via web estavam planejadas como forma de disseminar e compartilhar o aprendizado vivido³.

3.2 O cronograma de ascensão

O planejamento de ascensão da montanha assim como as análises de riscos tomaram vulto e sem dúvida, foram os mais debatidos antes de se iniciar a expedição em janeiro de 2006. O cronograma de ascensão⁴ foi estipulado para auxiliar o montanhista a controlar sua evolução e a tomar decisões baseadas no planejamento, reduzindo custos e aumentando a eficiência do tempo dentro da montanha.

4. A Ascensão

“Porque um dia é preciso parar de planejar, retirar os planos da gaveta e, de algum modo começar...”

Amyr Klink

Após tanto tempo de planejamento, chega enfim o dia da ascensão⁵.

³ O diário encontra-se publicado no site www.rodrigossiqueira.com, no link trilhas e escaladas.

⁴ Ver apêndice 2

⁵ Para uma completa descrição da ascensão, ver diário de escalada no apêndice 3.

A entrada no parque foi – e não poderia ser diferente – emocionante. A equipe estava com mochilas pesadíssimas e enormes. Tudo isso serviu para chamar a atenção dos turistas que iam até a entrada do parque e pediam para tirar fotos conosco. Depois de um ano de sonhos com a montanha, lá estávamos com os dois pés na realidade. Da entrada do parque até o primeiro acampamento – chamado de Confluência – são 6 km de caminhada. A entrada fica a 2800 metros de altitude e Confluência fica a 3300m. Muitos – sob essa altitude – já começam a sentir o efeito do ar rarefeito, mas essa primeira caminhada até Confluência é a mais tranqüila que os montanhistas podem esperar. Até chegar à base do Aconcágua, em Plaza de Mulas – 4200 metros de altitude – que é o acampamento base, são 30 quilômetros de caminhada em terreno irregular no meio da cordilheira dos Andes. Muitos desistem ao chegar ao acampamento base, outros apenas vão justamente com a intenção de chegar até o acampamento base.

Rodrigo entrou no parque dominado por duplo sentimento: além de esperançoso, estava preocupado. No dia anterior começou a sentir os sintomas de forte gripe. À noite estava com 37,5 graus. Ingeriu anti-gripais, bebeu muita água e foi dormir o mais cedo possível para enfrentar a caminhada de aproximação até Confluência. Definitivamente não estava curado e sentiu muito os efeitos da gripe durante a caminhada. Porém, vencida a distância, a altitude e o peso enorme da mochila, chegou a Confluência após 3 horas e 30 minutos de ascensão, em bom estado e até melhor do que alguns que lá chegavam. A partir do segundo dia, a água disponível nesse acampamento estava repleta de magnésio e causou muito mal a aclimação de várias pessoas.

Foram 10 dias de ascensão penosa, conforme descritos no diário de escalada. A partir da chegada em Plaza de Mulas, a aclimação piorou, ainda devido aos efeitos da água de confluência.

Não foi possível chegar ao cume por questões físicas – a péssima adaptação do corpo a alta altitude fez com que a maior parte da equipe desistisse em Nido ou Berlim. Dos 5 que partiram, 2 chegaram ao cume, justamente os dois que já estiveram lá um ano antes.

Alguns custos extras ocorreram: devido a aclimação ruim, foram contratados dentro da montanha al-

guns portadores profissionais para levar alguns equipamentos e mantimentos aos acampamentos superiores. Assim, os prazos foram ficando mais apertados e o orçamento superando o estimado em cerca de 25%.

Dentro da montanha o clima entre os membros da expedição também ficou deteriorado em alguns momentos. Discordâncias entre avançar logo para acampamentos superiores, contratar guias e portadores extras geravam tensão e traziam a lume as divergências motivacionais de estarem ali no Aconcágua. O sucesso da expedição para uns era o cume, para outros, era a jornada.

5. Perguntas do caso

1. Poderia ser uma expedição a alta montanha considerada um Projeto? Justifique com embasamento teórico.
2. Divida a narrativa acima nas fases do ciclo de vida de um projeto. Você vê algum padrão similar de aumento de riscos e de custos ao longo do ciclo de vida com um projeto empresarial?
3. As técnicas de gerenciamento de projetos como as utilizadas no PMBOK são pertinentes a um projeto de expedição de alta montanha? Relacione o planejamento da expedição de acordo com as nove áreas de processo do PMBOK.
4. De que maneira o aspecto emocional pode interferir na avaliação do executivo ou montanhista em relação ao controle e desejo de seguir os passos anteriormente traçados? Como administrar para que o aspecto emocional não interfira negativamente no planejamento?
5. Em sua opinião, houve sucesso no projeto da expedição acima?

6. Referências

DISNMORE, P. C. e Silveira Neto F. H. Gerenciamento de Projetos, Como Gerenciar seu Projeto com Qualidade, dentro do Prazo e Custos Previstos. – Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004

KRAKAUER, Jon. No ar rarefeito. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PROJECT MANAGEMENT INSTITUTE. A Guide to the Project Management Body of Knowledge – PMBOK® Guide 2000 Edition, Pennsylvania-USA, 2000

SIMPSON, Joe. Tocando o vazio. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

THIRY-CHERQUES, Hermano. Modelagem de Projetos. São Paulo: Atlas, 2004.

www.aconcagua.com. Acesso em 15 jul 2007.

Estudo de caso 'ESPM no topo das Américas'

Apêndice 1 – Fotos Aconcágua

Argentina – janeiro/2006

Imagens cedidas pelo autor.

Entrada do Parque (2850mts)



Confluência (3300mts)



Parede Sul do Aconcagua



Playa Ancha

Caminhada de aproximação a Plaza de Mulas.



Plaza de Mulas (4200mts)



Aqui o ambiente já é desértico devido ao pouco oxigênio.
Foto de dentro da Barraca.



Nido de Condores (5800mts)



Fotos e Diário
Mais fotos e diário completo em

www.rodigosiqueira.com

Estudo de caso 'ESPM no topo das Américas'

Apêndice 2 – Cronograma de ascensão

Dia 1 - chegada em Mendoza.

- Saída do Rio e chegada em Mendoza, Argentina.

Dia 2

- Aluguel de equipamentos faltantes (Bota dupla, Crampon e alimentação com a empresa Inka até o acampamento-base)
- Compra de alimentos
- Encontro de toda a equipe.

Dia 3

- Registro e compra do permiso de subida (333 dólares)

Dia 4

- Saída de Mendoza às 14 horas e ida para hospedagem em Penitentes (Refúgio Aylén), último lugar a se dormir com cama e banheiro antes de entrar na montanha.

Dia 5 (Entrada no parque – início da ascensão)

- Na entrada do parque deve-se apresentar a permissão para ascensão. Os guarda-parques fazem o registro de todos que entram e saem. Recebe-se também um saco de lixo para se armazenar o lixo pessoal. Se uma pessoa for pega jogando lixo no parque, pode ser expulsa e pagar multas (100 dólares). Da entrada do parque em diante só é possível prosseguir a pé.
- Caminhada até o primeiro acampamento - Inicia-se a aproximação e aclimação com uma caminhada até o acampamento Confluência. Sai-se de 2.850 metros de altitude (Puente Del Inca) e chega-se a 3.300 metros de altitude. Caminhada fácil, de 6 km, que pode ser realizada em 4 horas.

Dia 6

Caminhada até a parede sul do Aconcágua - O dia seguinte ao primeiro acampamento é reservado para uma caminhada que ajudará na aclimação. A cami-

nhada até a Plaza Francia, base da parede sul, pode demorar 7 horas entre a ida e a volta. A distância é de 6 km e ela está a 4.000 metros de altitude.

Dia 7

Caminhada até o acampamento base - A caminhada mais longa para a aproximação.

O percurso tem 25 km e quase 1.000 metros de desnível. Geralmente pode ser percorrido entre 8 e 10 horas.

Descanso no resto do dia.

Dia 8

Descanso e separação de material de porteio.

E depois...

Caminhada e ascensão ao acampamento Plaza Canadá (se estiver bem e com pouca carga) - No acampamento base, cerca de 4.200 metros de altitude, realizar a checagem de oxigênio no sangue. Trata-se de um exame que é feito pelos guias utilizando-se um aparelho chamado oxímetro. Para uma pessoa devidamente habituada em qualquer altitude, o valor obtido deve estar próximo de 100%. No acampamento base do Aconcágua, recomenda-se que esteja em pelo menos 80. Se estiver abaixo dos 70 os médicos guarda parques podem sugerir que retorne para os acampamentos inferiores. Muitas vezes o transporte no lombo de mulas é usado. Por isso que se deve forçar a aclimação, talvez retardando um pouco o cronograma. Dá-se um passo para trás para dar dois à frente.

Dia 9

Porteio do material a ser levado aos acampamentos superiores (Nido de Condores, tempo de 8 horas) - Incluem-se: fogareiro (fica um e leva-se outro), combustível e comida.

Retorno a Plaza de Mulas.

Dia 10

Avanço para Plaza Canadá - Primeiro acampamento além do acampamento-base. Está a 5000 metros acima do nível do mar e cerca de 4 horas de caminhada. Por ser uma caminhada curta, não é necessário sair

muito cedo, esperando que se tenha sol em toda a trilha, o que ameniza o frio.

Finca-se acampamento em Canadá.

Caso esteja mal, fica um dia extra em Plaza de Mulas.

Dia 11

Avanço para Nido de Condores - Localizado a 5.600 metros de altitude e cerca de 4 a 6 horas de Plaza Canadá. Da mesma forma que Plaza Canadá, não existe a necessidade de sair bem cedo, podendo-se esperar o calor do sol. Nido de Condores possui uma base de guarda parques - a mais alta de todo o mundo. Qualquer resgate que seja necessário realizar acima desta altitude, parte-se de lá. Os guardas argentinos estão equipados com rádios e equipamentos de resgate e primeiros socorros. Caso seja necessário helicóptero, o montanhista deve ser levado por outros até Plaza de Mulas.

Levam-se equipamentos e suprimentos restantes até Nido e finca acampamento.

Dia 12

Dia de descanso em Nido.

Dia 13

Caminhada para Berlim.

O inicio do ataque ao cume será feito com a caminhada até Berlim, após um dia de descanso no acampamento Nido de Condores.

Cenário 1: Os montanhistas estando bem aclimatados, podem fincar acampamento em Berlim.

Cenário 2: Caso não estejam bem para ficar, podem fazer o porteio até Berlim e retornar a Nido.

Dia 14

Cenário 1: Caso esteja tempo bom e o condicionamento adequado, ataque ao cume (8 - 10 horas) a partir de Berlim. Durante o dia preparar água (no mínimo 3,5 litros, um camel back cheio mais um litro na garrafa térmica), mochila de ataque com comida

para comer andando (doce de leite "mocinha", barra de proteína, gel de carboidrato)

Serão entre 8 e 12 horas para se chegar a 6.962 metros de altitude, o cume do Aconcágua,. Por segurança, recomenda-se que se chegue nele até as 14:00, pois a descida ate Berlim deve demorar cerca de 3 horas.

Assim, com o tempo colaborando, sem previsões de grandes tempestades de neve e muito vento, o ataque ao cume começa de madrugada, por volta das 2h30m.

A 6.600 metros encontra-se a parte mais técnica e perigosa da escalada: a canaleta. Geralmente lá se faz o uso dos crampons, quando se encontra gelo. Após o cume, deve-se iniciar com cautela a descida, pois é quando grande parte dos acidentes acontece.

Cenário 2: Montar acampamento em Berlim. Caminhada de cerca de 2 horas até a altitude de 5.900 metros.

Dia 15

Cenário 1 - Retorno do Cume até Berlim.

Cenário 2 - Caso esteja tempo bom e o condicionamento adequado, ataque ao cume (8 - 10 horas). Durante o dia preparar água, mochila de ataque com comida para comer andando (doce de leite "mocinha", barra de proteína, gel carboidrato).

Cenário 3 - Em caso de tempo ruim ou fadiga extrema, descanso em Berlim mais um dia.

Dia 16

Cenário 1: Retorno a Plaza de Mulas. Após uma noite de descanso, retorna-se diretamente ate Plaza de Mulas. Após uma noite de descanso, preparam-se as mochilas para a saída do parque no dia seguinte.

Cenário 2: Retorno do Cume até Berlim.

Cenário 3: Ataque ao Cume. (mesmo processo do cenário 2 do dia anterior).

Dia 17

- Dia Extra de ataque – os dias extras foram estabelecidos em caso de tempo ruim ou dificuldade de aclimação do Montanhista. Assim, fica-se mais um dia no acampamento que estiver até o tempo melhorar e/ou o corpo se aclimatar.

Dia 18

- Dia extra de ataque.

Apêndice 3 - Diário

Introdução

Após passar a virada de ano - 2005 para 2006 - com amigos, em casa, dormi por duas horas antes de embarcar para a viagem mais espetacular que já realizei: escalar o Monte Aconcágua, a maior montanha do ocidente, com 6962 metros de altitude. Uma das mais perigosas do mundo.

A idéia de subir o Aconcágua surgiu há um ano, quando, em janeiro de 2005, em viagem pelo Chile, fui visitar a bela cidade Argentina de Mendoza. No caminho, passamos pela entrada do parque provincial e espantou-me a visão do Aconcágua, também conhecido como "Sentinela de Pedra" e o fascínio que ele exerceu sobre mim foi imediato. Fiquei apaixonado pela montanha e por doze meses essa obsessão não saiu da mente: era só questão de tempo. Eu iria subir o Aconcágua.

Depois da visão estonteante da montanha naquele mesmo janeiro de 2005, parti para os altiplanos bolivianos. Em seguida fui ao deserto do Atacama. Foram viagens inesquecíveis, mas os relatos foram passados apenas oralmente a amigos e conhecidos. Aqui, transcrevo notas do diário da escalada ao Aconcágua. O objetivo - dentre outros - é o de propiciar ao maior número possível de amigos conhecimentos sobre essa montanha e minha vivência nos Andes.

1º de janeiro

Embarquei rumo a Santiago do Chile no vô das 8 da manhã no dia 1º de janeiro de 2006. De lá, seguiria para Mendoza, a cidade mais próxima do parque onde fica situado o Monte Aconcágua a dispor de aeroporto internacional.

No vô que me levou do Rio a Santiago, a ansiedade e a empolgação eram imensas. A emoção tomou conta quando o piloto anunciou o procedimento de descida em Santiago. À direita da aeronave era possível avistar o Cerro Aconcágua, a maior montanha do ocidente e de todo o hemisfério Sul. Todo o avião se moveu curioso para o lado direito e eu, já preparado, estava estrategicamente posicionado junto à janela do lado direito com a máquina fotográfica pronta para dar

início à primeira sessão de fotos que guardariam para sempre aquela imagem única e espetacular. Todos se emocionam ao olhar a grande montanha. As razões são ímpares, individuais e, por isso, muito diferentes. Enxerguei bem a minha frente o desafio misturado ao respeito. O cume daquela montanha não estava tão abaixo do avião, o que naturalmente obrigou-me a refletir sobre ser mesmo possível respirar a partir de certa altitude e, também, a pensar nas condições que eu enfrentaria durante a subida. A visão do maciço de pedra revelou-se colossal e monumental. O Aconcágua estava coberto de gelo.

A preparação - no Rio de Janeiro - tinha acontecido no plano do que foi possível realizar. Incluíu subidas à Pedra da Gávea mais de uma vez por semana, corridas na praia e pedaladas - na ciclovia - no sentido Barra-Recreio-Barra. Sabia, entretanto, que a aclimação à altitude e o estado psicológico seriam mais decisivos na montanha do que um excelente condicionamento físico - não que não ajude!

O avião pousou em Santiago e fiquei no aeroporto esperando o vô para Mendoza por 5 horas. Tempo suficiente para encontrar um casal de ex-alunos meus da faculdade de comunicação da ESPM. Coincidências à parte, o encontro serviu para quebrar parte da monotonia que se instalara como resultado da longa espera. Algumas horas e alguns telefonemas para o Brasil depois, eu embarcava rumo a Mendoza.

Chegando a Mendoza saquei alguns pesos argentinos. Em seguida, o táxi levou-me ao hotel. A sensação de voltar a Mendoza um ano depois da primeira visita foi bastante agradável. O povo Mendocino é simpático e acostumado com os turistas que invadem a cidade nessa época do ano. A maioria dos turistas vai a Mendoza atraída pelos vinhos, mas outra parte considerável vai por causa do parque nacional do Aconcagua e outras montanhas próximas, como o Plata. Aproveitei o trajeto do aeroporto até o hotel para conversar com o motorista do táxi e aquecer meu espanhol. O assunto foi, claro, futebol. Nada melhor do que conversar com argentinos sobre futebol, seleção brasileira, Ronaldinho Gaúcho e cia.

Hospedei-me no Hotel Petit. Trata-se de hotel simples que havia sido reservado por um amigo alpinista, que mais tarde me encontraria em Mendoza. Creio que o nome do hotel - pequeno em francês - faz jus ao que o estabelecimento oferece, pois de fato tudo nele é Petit.

Fiquei sozinho em um quarto projetado para duas pessoas. Mesmo assim sentia-me apertado.

Nesse dia dormi das 21h às 9h do dia seguinte. Foram 12 horas de sono tranquilo. Fato raro dali a poucos dias.

Dias 2, 3 e 4 de janeiro

Acordei, tomei o café da manhã e fui andar na cidade. Matei a saudade e pesquisei os preços de equipamentos que ainda faltavam para a escalada. Faltava também resolver o aluguel de alguns equipamentos e a compra de outros. Passei três dias em Mendoza. Comprei e aluguei equipamentos. Portanto, aprendi a lição: quanto mais organizado, melhor será o aproveitamento do tempo e maior a economia de dinheiro. No dia 5, entrei no parque.

Dia 5 de janeiro

A entrada no parque foi – e não poderia ser diferente - emocionante. Eu e os amigos que me acompanhavam estávamos com mochilas pesadíssimas e enormes. Tudo isso serviu para chamar a atenção dos turistas que iam até a entrada do parque e pediam para tirar fotos conosco. Depois de um ano de sonhos com a montanha, lá estava eu com os dois pés na realidade. Da entrada do parque até o primeiro acampamento - chamado de Confluência - são 6 km de caminhada. A entrada fica a 2800 metros de altitude e Confluência fica a 3300m. Muitos – sob essa altitude - já começam a sentir o efeito do ar rarefeito, mas essa primeira caminhada até Confluência é a mais tranquila que os montanhistas podem esperar. Até chegar à base do Aconcagua, em Plaza de Mulas - 4200 metros de altitude - que é o acampamento base, são 30 quilômetros de caminhada em terreno irregular no meio da cordilheira dos Andes. Muitos desistem ao chegar ao acampamento base, outros apenas vão justamente com a intenção de chegar até o acampamento base.

Entre no parque dominado por duplo sentimento: além de esperançoso, estava preocupado. No dia anterior comecei a sentir os sintomas de gripe. À noite estava com 37,5 graus. Ingeri antigripais, bebi muita água e fui dormir o mais cedo possível para enfrentar a caminhada de aproximação até Confluência. Entretanto, a verdade é que entrei no parque movido por adrenalina e muita vontade, mas a realidade é dura e não nos deixa ser ou fazer o que bem escolhermos. Definitivamente eu não estava curado e senti mui-

to os efeitos da gripe durante a caminhada. Porém, vencida a distância, a altitude e o peso enorme da mochila, cheguei a Confluência após 3 horas e 30 minutos de ascensão, em bom estado e até melhor do que alguns que lá chegavam.

Depois de chegar ao primeiro acampamento, o procedimento foi arrumar logo a barraca. Depois, eu e amigos fomos jantar. O clima em Confluência é agradável. Varia dos 25 graus durante o dia e chega aos 5 graus negativos à noite. Ameno, bem tranquilo ainda.

Havia ao lado da minha barraca, várias outras de uma expedição espanhola, guiada pelo famoso alpinista espanhol Garrido. Garrido ficou famoso ao chegar ao cume do Aconcagua e permanecer por lá durante 62 dias. Isso mesmo. Ele montou acampamento no cume e não sei de que maneira conseguiu permanecer no local por exatos 62 dias. Na época recebeu congratulações até mesmo do Rei da Espanha e desde então vive do alpinismo. Hoje, aos 50 anos, leva grupos de espanhóis interessados em subir o Everest para treinar no Aconcagua. Um treinamento e tanto, sem dúvida. Mas uma coisa chamou a minha atenção: trata-se – nesse caso - de expedição comercial onde os participantes possuem comida pronta, água pronta, barracas montadas e sempre têm à disposição mulas e pessoas para carregar os pertences. Não tiro o mérito desse tipo de expedição. De forma nenhuma. Mas se você está interessado em apenas chegar ao cume, sem dúvida esse é o caminho mais fácil - e ainda assim muito difícil -. Mas se você busca o autoconhecimento, entender os próprios limites e a natureza que o constitui, talvez não seja a melhor opção.

O fato de sentir muitas dores nas costas - em consequência do peso -, experimentar o cansaço imenso e ainda assim ter que montar barraca e realizar outras tarefas que fazem parte da rotina do acampamento, empurraram-me à reflexão profunda. Eu estava na mesma montanha que vários outros montanhistas, mas cada um vivia a própria experiência de maneira muito particular. Cada um buscava algo diferente, por razões também diferentes.

Ao escrever o diário solitariamente em minha barraca, ouvia – bem distante - o solo de guitarra que algum rádio reproduzia. Pensei em como era bom demais estar ali. Um lugar inóspito. No meio dos Andes. Cercado de pessoas de todos os lugares do mundo e de paisagens belíssimas. E além de tudo, um soft

rock como música de fundo.

O dia clareou, mas geralmente as pessoas só saem da barraca depois que o sol bate diretamente sobre o acampamento. Sol nos Andes é vida. O tempo muito frio faz com que o sol transforme-se em energia para que as pessoas consigam movimentar-se e seguir adiante. Assim que o sol de fato surgiu e o café-da-manhã foi impiedosamente ingerido, realizei caminhada rumo à parede Sul do Aconcágua. Trata-se de uma caminhada de aclimação. Para se chegar à parede Sul do Aconcágua, deve-se caminhar por cerca de 3 horas até chegar à altitude de 4300 metros. Depois, retornar a 3300 para dormir. Esse procedimento é padrão: trabalhar alto e dormir baixo. Isso facilita a aclimação, pois o corpo já começa a produzir hemácias para suportar o ambiente com menor quantidade de oxigênio. Assim, quando você se elevar novamente, já estará preparado, ou seja, aclimatado.

A visão da parede Sul do Aconcágua é fascinante e assustadora. Nessa face morreram, em 1998, os alpinistas brasileiros que tinha como líder da expedição o famoso escalador Mozart Catão. No jipe que me levou do hotel até a entrada do parque nacional alguns dias atrás, encontrei um argentino que falava português. Ele havia morado no Rio de Janeiro e estava muito contente em conversar e praticar o português. Relatou que no momento do acidente com a equipe brasileira em 98, ele estava na montanha e traduzia a conversa entre os brasileiros que estavam no acampamento-base da face sul - Plaza Francia - e os alpinistas presos e feridos na montanha. Emocionava-se ao lembrar e narrar o fato. O diálogo entre os brasileiros presos e feridos e os do acampamento-base era travado em português e os guardas argentinos pediam para eles falarem em espanhol para que soubessem com clareza o que acontecia. Ele então traduzia simultaneamente o que se passava, até que o silêncio tomasse conta da situação. Já não havia mais sobreviventes. A história desse episódio está muito bem narrada no excelente livro "Montanha em fúria", que traz na capa a colossal imagem da face sul do Aconcágua. Permaneci em silêncio. Era a tradução do meu respeito ao ouvir o relato e testemunhar os olhos dele lacrimejarem.

Ao voltar da face sul, algo começava a provocar preocupação e prejuízos: a água de Confluência estava repleta de magnésio. Isso tornava o sabor muito ruim e enjoativo para mim. O sabor é algo que você

pode ignorar, mas o enjôo não. Ao voltar da caminhada da parede sul, tomei boa quantidade da água, que - associada à altitude e ao esforço da caminhada - caiu da pior forma possível. A água provocou vômitos. Perdi líquidos preciosos, fundamentais e que me manteriam hidratado. A água é fator crítico de sucesso no processo de aclimação. Você precisa - submetido àquela altitude - beber 5 litros de água por dia na montanha. Ali eu começava a sofrer com a aclimação. A rejeição à água faria piorar bastante a minha situação na montanha.

No dia seguinte, 7 de janeiro, parti para o acampamento-base, chamado de Plaza de Mulas. Talvez eu devesse ter ficado mais um dia em confluência. E não ficaria sozinho, pois um dos brasileiros, Plic, lá permaneceu pois não se sentia bem. Mas eu amanheci me sentindo melhor e decidi ir. Plaza de Mulas fica a 4200 metros de altitude e é repleto de barracas de várias empresas que oferecem serviços de refeição e até - acreditem - acesso à Internet. É o último acampamento com características da civilização.

A subida para Plaza de Mulas levou 10 horas. Foi, até aquele momento de minha vida, o maior esforço físico já feito, principalmente nas duas horas finais. Após 6 horas de caminhada, que incluíram passagens por terrenos irregulares e pela famosa Playa Ancha - foto 8 -, região em que se caminha por horas e ela parece somente terminar no horizonte. Mais adiante, outro inimigo: o vento. Ele está sempre contra, fenômeno estranho ali...-, traz muita poeira que sufoca os pulmões, a boca e irrita os olhos. Por tudo isso, transforma a caminhada em via-crúcis. No trajeto até Plaza de Mulas você já começa a encontrar trechos de gelo entre terras secas. Quanto mais se aproxima do Aconcágua, mais o gelo começa a tomar conta da paisagem.

Após esse desafio, você encontra a Costa Brava. A subida não é muito elevada, mas de dificuldade acentuada, pois agora já se está a 4150 metros de altitude e mais: já sofreu o desgaste da difícil caminhada de 8 horas. A partir dos 4 mil metros não havia mais vegetação ou qualquer espécie de vida. Simples: nessa altitude não há oxigênio para tal. Ali, nesse momento, o Aconcágua deixa claro porque é uma das montanhas que mais provoca mortes no mundo. Falta - em metros - tão pouco para se chegar à Plaza de Mulas, mas em minutos faltam muitos. Não existe alternativa a não ser caminhar muito, muito devagar

para vencer a Costa Brava.

Quando cheguei à base da Costa Brava, sentei em uma pedra e observei um grupo subir bem lentamente. Aproveitei para ingerir água, tomar um pouco de power gel e para descansar. Um pouco mais recuado havia uma casa abandonada, com telhado quebrado. Era o antigo refúgio que, hoje, não possui mais função, mas que ainda produz sombra para quem quiser descansar um pouco por ali.

Levantei-me e segui bem lentamente. Passei pela Costa Brava e quando atingi o cume, não pude acreditar no que os olhos viam: havia uma descida e outra longa subida! Cheguei a fechar os olhos e pensar que não podia ser possível, mas não existia outra opção, tinha que seguir em frente. Infelizmente, poucos dias depois desse momento, soube da morte de um espanhol que, exausto, abrigou-se no antigo refúgio - a casa quebrada - e ali morreu. O sol não demoraria muito a se pôr. Eu tinha que chegar à Plaza de Mulas e ainda montar barraca para estar e ficar seguro. Segui em frente e 1 hora depois chegava ao acampamento-base.

Na hora de dormir, a dor de cabeça fez questão de acompanhar-me por toda a noite, fato comum quando se está em altitude elevada. A aspirina - e a linda visão que eu possuía de dentro da minha barraca - aliviava bastante o problema.

O dia seguinte foi dedicado ao descanso, embora descansar não seja exatamente o objetivo de quem chegou até aqui. A barraca - durante o dia - transforma-se em estufa. A temperatura sobe muito quando os raios de sol batem ali.

A temperatura - por mais que houvesse gelo do lado de fora, dentro da barraca, devido ao efeito estufa, era muito quente.

Permaneci em Plaza de Mulas mais do que o planejado. Conversei com dois alemães que haviam descido do acampamento Nido de Condores - 5700 metros de altitude - e que disseram não ter conseguido atingir o cume devido ao mau tempo lá em cima. Ventos de até 90 km/h e que se mantiveram assim por dois dias, impediam a progressão. O estado físico dos alemães era lamentável e esse é um estado que você tem que se acostumar a ver. Os alpinistas descem dos acampamentos avançados - acima do acampamento-base com a aparência muito ruim. A aparên-

cia está mais magra, abatida, pele seca e queimada pelo frio. Alguns com edema periférico, outros com edemas pulmonares ou até mesmo com avarias cerebrais. Congelamentos são comuns e, infelizmente, alguns corpos são descidos também, o que faz arrefecer o ânimo e a motivação de quem ainda planeja subir. Esse é o Aconcágua e o preço que ele cobra de muitos que almejam conquistá-lo.

Eu continuava com problemas de aclimação devido, principalmente, à água, que - àquela altura - não conseguia tomar. Ingeri - diversas vezes - antiácidos para diminuir o enjôo. Cada corpo reage de maneira diferente à altitude e o mesmo corpo pode reagir de maneira diferente à mesma altitude em momentos diferentes. É como dizem ser: uma "loteria". Existe o exame que é feito pelos médicos de serviço em Plaza de Mulas para medir o quanto o sangue está oxigenado. Utiliza-se - para isso - o oxímetro. Às pessoas devidamente habituadas em qualquer altitude, o valor obtido deve estar próximo de 100%. No acampamento-base do Aconcágua, recomenda-se que esteja em pelo menos 80. Se estiver abaixo dos 70 os médicos podem sugerem que se retorne aos acampamentos anteriores o mais rapidamente possível, podendo inclusive usar de força para removê-lo.

Eu fiz o exame e o meu oxímetro registrou 76. Nível baixo, mas não perigosamente baixo. Porém, lembrei-me da série de TV "ER" ou "Plantão Médico" em que um paciente teve índice registrado no oxímetro de 85 e os médicos começaram a realizar procedimentos para aumentar a oxigenação. Essa lembrança me incomodou. O índice registrado era desaconselhável para subidas em altitudes maiores. Isso me incomodava bastante, pois - muitas vezes - pessoas de condicionamento físico inferior ao seu podem responder melhor. Aqui não vale a lógica. Não há regra e diversos fatores influenciam na aclimação. A verdade é que eu começava a ficar moralmente abatido pelas dores de cabeça e enjôos. Mil vezes a dor de cabeça do que o enjôo, que impede a alimentação e a ingestão de bebidas, além da sensação de mal-estar acentuada. Só mesmo quem vive essa experiência de sentir enjôo por dias consecutivos e ainda assim ter que seguir sempre em frente, sabe o quanto é difícil. Tanto assim que a última noite em Plaza de Mulas quase foi a minha última na montanha. Após sentir-me razoavelmente durante o dia, piorei à noite e falei para mim mesmo: tinha chegado ao limite. Não poderia forçar mais o corpo. Seria perigoso e a

montanha já havia ensinado boas lições. Além disso, tinha sido generosa ao brindar-me com momentos grandiosos e fantásticos. Negocieei comigo mesmo a desistência e fui dormir. Na manhã seguinte, tendo dormido com a decisão racional de descer e retornar em 2007, pois aquele, infelizmente, não seria o meu ano, sentia-me melhor. Fiz o quê?

Dei seqüência à subida. Todo resquício de civilização ficaria para trás e eu dirigia-me à "zona da morte". Acima dos 5000 metros o corpo humano deteriora-se rapidamente.

Desmontei o acampamento; dei início à preparação e subi para o acampamento chamado Canadá. Logo na subida, ao sair de Plaza de Mulas deparamos com glaciares que podem causar ferimentos caso o montanhista perca o equilíbrio. E tinha mais: havia pessoas que – em fila – subiam lenta e cuidadosamente – fotos 18, 19 e 20 -. Era a constatação de que aquele momento era o momento propício de tentar a subida.

Canadá fica a 5000 metros de altitude e a chegada a esse acampamento foi, creio, o pior momento de toda a expedição. Ao chegar a 4900, faltavam apenas 100 metros de desnível. Comecei a sentir não somente o cansaço, mas a forte sensação de que iria "apagar", desmaiar. Senti-me tonto e experimentei a sensação de sono que até ali não havia experimentado - sintoma claro de hipoglicemia -, pois o café-da-manhã havia sido bem fraco. Avisei a Alexandre, amigo que me acompanhava. Ele continuou a me estimular a subir. Eu avisei que poderia apagar a qualquer momento e que caso isso acontecesse, como e de que maneira ele pretendia agir? Ele não conseguiu formular resposta satisfatória. Preferiu reiterar o estímulo. De fato, àquela altura, descer tudo que eu já havia subido também não seria a opção mais inteligente. Segui em frente. Passei por pessoas sentadas e prostradas. Testemunhei - no caminho - a queda e a recuperação de uma mulher que seguia graças ao amparo do parceiro que a auxiliava a subir. Esse meu estado, aliado ao estado não muito melhor do amigo que me acompanhava, fez com que nossa ascensão demorasse bastante. Plic - amigo carioca que também estava na montanha - já havia chegado ao acampamento Canadá e gravou o vídeo onde já se percebia o estado debilitado de quem chega a essa altitude. Falava sobre a nossa saída de Plaza de Mulas e que chegaríamos a qualquer momento ao Canadá.

Ao chegar ao acampamento, a visão belíssima dos Andes anestesiava o que presenciara há poucos minutos antes. No exato momento em que pisei os 5000 metros de altitude do acampamento, vi descer o corpo - carregado por 6 pessoas - de um espanhol de 30 anos, que morrera vítima do brutal esforço. Um silêncio impressionante dominou o acampamento. Enquanto isso, ainda com a mochila nas costas - eu acompanhava o que ainda era possível ver daquele corpo que era descido do Aconcágua. Realidade fria, dura e - para muitos - intransponível. O clima no acampamento foi de tristeza, mas ao mesmo tempo, de naturalidade. Todos ali sabiam dos riscos que corriam. Mais: todos assinaram o documento expedido pelo governo argentino no qual confirmam estarem cientes dos riscos envolvidos, que inclui o pior deles: o de morrer.

Montei a barraca. Em seguida, era hora do "jantar". Enquanto comia, a morte do jovem espanhol dava o tom amargo ao alimento. A imagem era forte e não saía da cabeça. Aquela chegada ao Canadá tinha sido duríssima. Senti-me grogue nos primeiros momentos. O raciocínio estivera confuso. Sensações comuns ali. Muitos que me acompanhavam tiveram ou sentiram aqueles sintomas em outros momentos. Na montanha é assim. Um dia é você que está muito mal e que necessita de ajuda. No outro, você estará melhor e alguém precisará da sua ajuda.

Adormeci. Claro que antes disso o pensamento foi tomado pela morte do jovem espanhol. Pensava se ele teria tido noiva, esposa ou namorada que aguardava notícias dele. Família, pais e irmãos que preocupados aguardavam informações. Será que ele não soubera perceber qual era o real limite do corpo? Pois era exatamente isso que eu me questionava. Qual, então, seria o limite? Quando se sabe? Como se sabe?

O dia seguinte foi dedicado ao descanso. Eu já me sentia melhor. A partir de Canadá não existe mais nenhum dos confortos existentes nos acampamentos anteriores, como água disponível. Agora tudo seria ainda mais inóspito e desafiador.

Água potável só era possível depois de muito esforço. Era necessário caminhar até o glaciar e recolher o gelo. Depois, fazer a viagem de volta à barraca e derreter parte desse gelo no fogareiro. Vale destacar que é necessário quase uma hora para que se con-

siga produzir 1 litro de água, e que para se produzir um litro de água, você vai precisar de muito gelo e neve. Um processo desgastante, mas vital, repito e peço atenção ao sentido literal da palavra, VITAL.

Canadá estava a 5 mil metros de altitude. Dessa condição em diante, dizem que você não pode permanecer por muito tempo, pois o corpo humano deteriora-se rapidamente; há - nesse momento - o autoconsumo do corpo pelo próprio corpo.

Mas era acima de tudo fantástico estar ali naquela altura. Havia mais 6 barracas ; Eram pessoas de várias partes do mundo que se deslumbravam com o pôr-do-sol inenarrável. Durante o dia, ao lado da barraca do amigo Rosier, cearense apoiado pelo governo estadual, havia um casal de ingleses. Os dois - já em idade avançada - estavam ali conosco. Não resistimos. Com o auxílio da câmera, entrevistamos o casal. Eram experientes. Já contabilizavam várias subidas a montanhas no currículo. Eu, basicamente, servia de tradutor durante a conversa e tentava formular perguntas interessantes. O clima era o melhor possível. As imagens da entrevista e outras cenas da subida ao Aconcágua seriam - mais tarde - exibidas no Brasil, em 3 emissoras de TV: TV VERDES MARES (Globo Local do Ceará), TV JANGADEIRO (SBT Local do Ceará) e TV Educativa.

Depois da entrevista, afastei-me do casal e dos meus conhecidos para ir à barraca a fim de arrumá-la. Ao retornar, percebi o clima estranho entre meus amigos e o casal, com o senhor inglês resmungando "não era isso que pensava de brasileiros, estou surpreso...".

Percebi a situação e perguntei o que se acontecia. Foi quando Plic, outro amigo presente, explicou-me que pegou a bandeira do Brasil e lá estava escrito: "SOU BRASILEIRO E NÃO DESISTO NUNCA." Plic havia estado no Aconcágua no ano passado, mas não havia conseguido chegar ao cume e estava ali, exatamente, para tentar a conquista com sucesso. O inglês viu a frase estampada na bandeira e perguntou o que significava. Outro brasileiro - também amigo nosso - que domina o idioma inglês mas que provavelmente fora traído pelo pouco oxigênio, traduziu da seguinte maneira: I AM BRAZILIAN AND NEVER FORGIVE". (Eu sou brasileiro e nunca perdô).

Após momentos de risos internos, avisei que a tradução correta não era "forgive" e sim "give up" (desistir).

Após os esclarecimentos todos sorriram e o clima voltou a ficar ameno e prazeroso.

Foi uma tarde de acontecimentos agradáveis e outros nem tanto. Víamos de vez em quando algumas pessoas sendo auxiliadas por outras a descer de acampamentos superiores. Eram praticamente carregadas até Plaza de Mulas, sem condições de caminharem independentemente.

Em um desses momentos, um senhor francês, de aproximadamente 60 anos, descia sozinho. Havia se separado - devido ao cansaço extremo - do grupo que realizava expedição comercial. Ele se aproximou auxiliado por um jovem e falou que estava muito mal; não tinha saco de dormir e que a barraca ficara em Plaza de Mulas. Ouvi o relato do senhor e procurei um grupo de argentinos que pertenciam a uma empresa local que estava com os clientes e expus o que se passava. O guia argentino pediu que trouxesse o senhor até ele para dar o primeiro atendimento. Voltei ao senhor e - junto com outros amigos - o levamos até o grupo argentino.

Vale a pena falar um pouco da rivalidade Brasil-Argentina, que em minha opinião não deveria extrapolar os gramados de futebol. Particularmente eu adoro a Argentina e conheço vários argentinos. Creio que em Buenos Aires você encontra gente de todo o tipo, como no Rio ou em Salvador. Mas daí a generalizar e dizer que argentinos são nossos inimigos, bestas, rivais, beira a idiotice. Em Mendoza, por exemplo, as pessoas são muito simpáticas e tenho ótimas recordações dos conhecidos que tenho por lá e guardo bons amigos em Buenos Aires. Somos todos hermanos...

De volta à montanha... O senhor foi atendido pelos argentinos, que entraram em contato com os guarda-parques - guardas do parque do Aconcágua - que, mais tarde, viriam socorrê-lo e levá-lo à altitude mais segura.

Mas a imagem do senhor era impressionante. Trajava bandana na cabeça, usava óculos escuros e era dono de um bom humor que irradiava saúde e tornava o ambiente agradável, apesar da difícil situação. "Quero ser assim quando crescer", pensei ironicamente.

O sol se pôs e todos foram para as respectivas barracas. Era hora de dormir, pois no dia seguinte, faríamos porteio para Nido de Condores, um acampamento

mais avançado ainda - próximo dos 6000 metros - de onde muitos fazem o ataque ao cume. Fazer porteio significa levar equipamentos e suprimentos para esse acampamento, deixar lá, voltar para o acampamento anterior e dormir. No dia seguinte ao porteio, é chegado o momento de levantar o acampamento por completo e se mover definitivamente para o acampamento superior. Trata-se de uma tática para diminuir o peso de transporte e ao mesmo tempo auxiliar na aclimação.

O caminho até Nido pareceu-me mais tranquilo do que o caminho até Canadá. Ainda assim, é bem difícil quando não se está bem aclimatado. Ao chegar a Nido, deixei equipamentos dentro da bolsa preta que já estava lá, pois em Plaza de Mulas contratei um porteador para levar de Plaza de Mulas equipamentos de neve, combustíveis e alimentos para o local. Por esse porteador paguei 120 dólares, despesa compartilhada com outros dois amigos. Ao concluir o que tinha que ser feito em Nido, desci mais uma vez ao Canadá. O objetivo era o de passar a noite nos 5000 metros e - no dia seguinte - seguir definitivamente para Nido de Condores.

Assim são feitos os grandes avanços na montanha. "Trabalha-se alto e dorme-se baixo". É como se você desse um passo atrás para depois dar dois à frente. Essa estratégia faz com que a ascensão ocorra de forma mais demorada, porém bem mais segura para a saúde do montanhista. A estratégia de porteios deve ser bem analisada para que os suprimentos que são transportados de um local para o outro e os que ficam sejam exatamente o que se vai precisar. Essa preocupação logística é fundamental para o bom andamento do projeto de ataque ao cume. Caso você erre, por exemplo, o cálculo de quantos litros de gasolina ou quantos botijões de gás propano vai precisar nos acampamentos superiores, sua expedição estará comprometida e quem sabe, sua própria vida. Ficar sem combustível a partir dos 5000 metros no Aconcágua significa que você estará incapaz de produzir água.

Outro conceito logístico entra em questão: o estoque de segurança. Eu faço o cálculo de quanto vou consumir. Levo em consideração o quanto vou beber de água por dia e/ou cozinhar e quanto eu preciso de combustível para derreter gelo e neve para produzir 1 litro de água. A partir daí, chego ao número de garrafas de gasolina e latas de propano necessários. Entretanto, para que eu tenha mais segurança e cer-

teza de que não me faltará combustível, devo levar mais uma lata ou mais uma garrafa. Quem sabe mais duas de cada. E assim formo o estoque de segurança, já que nunca sei ao certo quanto vou utilizar, de fato, tenho apenas a estimativa. Estimativa, sim, já que se pode demorar mais tempo na montanha em acampamentos superiores do que o esperado. Condições climáticas adversas podem interferir no cronograma. Infelizmente as coisas não se resolvem com o estoque de segurança, ao menos não totalmente. Na medida em que eu aumento o estoque de segurança, aumento igualmente o peso a ser transportado e o custo de aquisição dos materiais. E custo e peso são variáveis que junto com o risco que o alpinista está disposto a correr, vão influenciar na decisão do quanto de cada material deva ser transportado do ponto A para ser estocado no ponto B. Assim, o planejamento de aquisição de material deve ser feito criteriosamente antes que se comece a escalada, pois uma vez na montanha, você possui pouca margem para mudanças, devido à escassez de fornecedores de equipamentos e materiais - até o acampamento-base você encontra alguma coisa - e obviamente, os custos não são os mais atrativos dentro da montanha. Tudo ali é muito mais caro.

A subida é recheada de cenas inusitadas. Uma delas, é que enquanto se sobe por entre paredes cobertas de gelo, encontra-se pessoas que descem cabisbaixas. Certa vez não resisti e perguntei a dois suíços por que não atacaram o cume. Eles informaram que só dispunham de duas latas de gás propano - uma já em utilização - e já estavam em Nido. Porém as más condições climáticas só permitiriam o ataque ao cume dentro de 3 dias, de acordo com informações que eles possuíam. Conclusão: estavam com estoque insuficiente e nenhuma chance de aquisição de gás naquela altura. A expedição - para eles - tinha chegado ao fim. O fato é que uma expedição dessas pode custar 10 mil dólares. O valor exato vai depender do quanto você já possuía de equipamentos e, claro, da qualidade deles. Ao assumir que o sucesso da expedição é a chegada ao cume, o que na prática não se constitui como verdade, grande quantidade de dinheiro pode ser perdida e todo o projeto fadado ao insucesso em decorrência de falha logística.

Depois de pernoitar em Canadá, no dia seguinte, subi a Nido de Condores. Senti-me bem na subida, o que me deixou confiante. Em determinado trecho de caminhada, Plic e eu, em segundo plano, registramos

a subida - ver foto 22 -. Fiz a ascensão em ritmo lento para me poupar. Quando cheguei a Nido estava muito melhor do que no dia anterior. Cheguei também com muita fome, e aproveitei a generosidade do Plic que me oferecia o queijo provolone que ele estava comendo. Talvez no final tenha se arrependido, pois acabei comendo mais do que ele. Depois descobri que o queijo era de outro amigo, Everton, logo depois...

Montar a barraca foi muito complicado devido à ventania que castigava a montanha. Passava das 6h da tarde e o vento soprava rapidamente. Era difícil até ficar em pé com facilidade. Com a ajuda de Plic, montamos a minha barraca. A proteção dela faz tudo parecer e ser, de fato, mais tranquilo. A noite avançava, e com ela a temperatura baixava rapidamente. Dormiria ali em Nido e no dia seguinte decidiria quando seria o dia de ataque ao cume. Eu fiquei sozinho na barraca a maior parte da expedição. Alguns gostam; outros não abrem mão de companhia. Em um ambiente assim, você pode se sentir bastante sozinho. Mas sempre fui uma boa companhia para mim mesmo e a solidão não costuma me incomodar.

Nido de Condores é um acampamento de onde se tem a visão da Cordilheira dos Andes privilegiada. De Nido já é possível ver o cume do Aconcágua. De dentro da barraca registrei essa visão. Parece tão perto, e de fato não é distante. Muitos tentam o ataque ao cume dali mesmo e conseguem sucesso. O problema é que a percepção do olhar faz tornar próximo. Quando se faz a ascensão, de fato, o pouco oxigênio faz as distâncias se multiplicarem por 10. O cume "tão perto e tão longe ao mesmo tempo" estava ali a - indubitavelmente -desafiar a lógica aristotélica.

A noite, enfim, chegou, e impediu que as pessoas ficassem do lado de fora das barracas. Fazia muito frio. A imagem belíssima do pôr-do-sol anestesiava qualquer dor muscular e servia para afastar qualquer pessimismo. Eu agradecia a Deus por ter a possibilidade de realizar, ver e vivenciar tudo aquilo. Agradecia por estar ali. Pensava em quantas pessoas no mundo nunca chegariam a um lugar como aquele e se seria possível descrever - seja em palavras ou imagens - o que eu via e vivia naqueles dias.

Estar em Nido ao lado de vários dos equipamentos e materiais que vieram de Plaza de Mulass transportados pelo porteador contratado, fez-me sentir como um

rei. Entrei na barraca feliz. Encontrei roupas limpas, entre elas as de primeira pele. A roupa de primeira pele fica em contato direto com a pele. É fundamental para retirar o suor e servir de proteção. O suor não pode ficar em contato com a pele, pois naquela temperatura chega a congelar. O fenômeno faz com que o montanhista fique vestido por uma fina camada de gelo. Nada agradável, convenhamos.

Tomei um banho improvisado com lenços umedecidos de bebê, levados para lá justamente para isso: higiene. Após "tomar um banho" com os lencinhos, vesti roupas limpas, entrei no saco de dormir, liguei o mp3 player e ouvi música por um tempo. Fui pegar na bolsa uns "mocinhas" para comer. Qual não foi minha surpresa ao ver vários deles estourados e em adiantado processo de vazamento. A explicação é simples: quanto mais você sobe, menos pressão atmosférica existe. Tudo aquilo que está embalado sem ser a vácuo, pode estourar, pois o ar de dentro da embalagem expande-se e produz força suficiente para estourar a embalagem. A situação é quase inacreditável. Mas acreditem: acontece mesmo. A visão de todos aqueles sacos de biscoito, mocinhas etc. estranhamente inflados - ficam assim desde os 2500 metros -, imaginei o efeito dessa altitude no corpo, órgãos e glândulas. Como deveriam estar àquela altura?

Enquanto procurava um mocinha digno de ser ingerido, preparava a água potável. Acredite: tudo isso dentro de uma barraca. Em meio a sacos e bolsas havia um fogareiro acesso com a panela em cima que derretia o gelo. Eu já adorava a situação. A cada dia, a cada nova empreitada em busca da sobrevivência e de algum conforto naquelas condições, percebia o quanto já havia de evolução: já exibia perícia e destreza ao manipular o fogo e demais objetos.

Manipular a água para torná-la potável era tarefa demorada. E esse processo remetia a reflexões importantes: muitas coisas, atos e objetos que valorizamos na vida cotidiana perdem o sentido. Toda a água que eu produzia, era um subproduto do gelo que coletava nos arredores. Porém esse gelo possui poeira e terra da montanha. Ao final do processo de derretimento, existiam resíduos de terra na água, que na ausência do filtro, era impossível retirar. Durante dias bebi a água proveniente do gelo derretido. A bebida não possui mineral e reservava sempre a terra no final do recipiente. Derretia o gelo, passava para o cantil e - quando acontecia de ser o cantil transparente - lá

estavam os resíduos de terra. O psicológico – nessas horas – age a favor. A presença de terra na água se transformava - para nós que ali estávamos e que dependíamos daquele líquido precioso – em todos os minerais. Resíduos de comida anterior se transformavam em proteína. E assim foi...

Pensava em minha casa e na minha rotina de acordar, ir à geladeira e beber água. Coisas simples como ter a cadeira pra sentar, o travesseiro ou o melhor de tudo, ter água potável para beber. Tudo isso começou a possuir valor inestimável. São coisas simples, mas fundamentais como o ar. Na montanha faltava água e ar. Tudo era mais difícil, até o que em princípio é de graça e está disponível para todos: água e ar.

“Não é o tempo que modifica as pessoas, mas o modo como o prazer, a felicidade e o risco se enquadram dentro do tempo”, afirmava Ponciano. E era exatamente o que eu pensava naquele momento. O prazer e a felicidade de estar ali, não obstante o risco que corria, fazia de mim alguém diferente. E mais: a cada experiência e altitude vencida, algo mais ainda pode mudar em você. Vai depender do quanto você está atento ao que acontece a sua volta e principalmente, atento a você mesmo. A montanha age diferentemente nas pessoas, assim como a vida. Alguns podem obter grandes aprendizados somente com a chegada ao acampamento-base; outras - preocupadas apenas com o cume e a satisfação das próprias vaidades - podem trazer mais fotografias do que aprendizados.

Havia o rumor em Nido de que a janela de tempo bom duraria apenas um dia. Caso isso fosse verdade, eu tinha apenas o dia seguinte para descansar e preparar a logística para subir até o acampamento Berlim. De lá, tentaria o ataque ao cume. Sentia-me bem melhor do que em Canadá e Plaza de Mulas, e isso me fazia confiante. Tudo que eu precisava era de uma boa noite de sono.

Enquanto estava deitado, ouvia músicas no MP3 player. Aproveitei para pensar em situações e fatos que fugiam completamente ao Aconcágua. Futebol, escalada em rocha nas vias do bairro Urca – zona sul do Rio de Janeiro -, negócios e até no planejamento de aulas. Em algum momento fui interrompido por uma sacolejada forte em minha barraca. Pensei que alguém pudesse ter se desequilibrado e caído em cima da barraca e levantado rapidamente. Retirei o

MP3 e pude constatar que ventos fortes se aproximavam. Na altitude próxima de 6000 metros os ventos são bem mais que fortes: São fortíssimos.

Olhei o relógio e vi que era meia-noite. Ajeitei-me no saco de dormir e cochilei. Acordei por volta das 2 horas com o barulho do vento. O vento estava muito mais forte e a barraca balançava fortemente. Fazia bastante frio e o fato de estar sozinho na barraca, ainda mais em barraca bem ventilada como a que eu estava - aumentava sobremaneira a sensação de frio dentro dela. Mas ainda era possível suportar. O que me preocupava eram os ventos. Àquela altura já me questionava se a barraca não estava com alguma amarra solta. Balançava demais. Chegava a ser aterrador. Comecei a me preocupar, pois não me lembrava se a barraca havia sido perfeitamente montada. Plic me ajudou, mas mesmo assim, a dúvida persistia. Não sabia ao certo se era dúvida ou receio. Fotografei por acaso a barraca depois de montada. Isso serviu – e muito - para que eu pudesse ter certeza - durante a tempestade - se, de fato, ela estava firme.

O vento não deu trégua durante toda a noite. Não consegui dormir. Certa hora peguei o termômetro para medir a temperatura. A sensação de frio estava acima do normal. O termômetro confirmou o que eu já pressentia: exatos 22 graus negativos, dentro da barraca. Achei fantástico. Tudo ali dentro estava petrificado. Imaginei que fora da barraca - com os ventos fortes como estavam naquele momento - a sensação térmica deveria ser algo perto dos 50 graus negativos.

A noite pareceu eterna. Não consegui dormir. O barulho produzido pelo vento, aliado ao frio, formava a dupla que transformou aquela noite em horror. O receio de a barraca voar pelos ares, literalmente, obrigou-me a esperar o pior. Peguei o saco de emergência - vestimenta de alumínio que retém o calor do corpo e que ajuda a evitar a hipotermia-, lanterna de cabeça, luvas e casaco de pena de ganso. Concentrei tudo o que podia junto ao corpo, dentro do saco de dormir. Eu esperava que ocorresse algo parecido com a cena do filme “O mágico de Oz”, quando a casa de Dorothy voa. Literalmente.

Enquanto a barraca não voava, peguei o diário e comecei a registrar o que acontecia e, também, quais foram os procedimentos tomados. Eu estava tranquilo, apesar de tudo. Tinha certeza de possuir bons equipamentos. Sabia que o receio de que tudo voasse

poderia ser efeito do pouco oxigênio que – por efeito – poderia, àquela altura, confundir e comprometer a minha capacidade de avaliação sobre a realidade da situação. Mas, na dúvida, estava preparado para o pior. Por mais que a situação no entorno esteja à beira do descontrole, nunca se deve perder o controle sobre si mesmo. Quando você perde o controle de si mesmo, fica-se - em consequência - subjugado ao acaso e tudo o mais fica também sem controle, por mais simples ou complicada que seja a situação. O conceito de “deixo a vida me levar, vida leva eu...” pode cair como luva (e fazer sucesso) para os preguiçosos, os acomodados ou ainda os que se julgam incapazes de administrar e direcionar a vida com segurança e clareza. Mas no Aconcágua, isso pode significar a morte.

A noite avançava e eu anotava no diário tudo que se passava. Ria de mim mesmo. Só quem é montanhista ou praticante de esporte ligado à natureza pode compreender que mesmo sob a tempestade, é bom estar ali. A força da natureza fascina na mesma proporção que impõe respeito. Eu estava na seguinte situação: era um pequeno ponto no meio da montanha colossal, no interior da corrente de ventos fortíssimos, com temperaturas muito baixas e pouco oxigênio disponível. Soava óbvio o nome daquele lugar: Nido de Condores - Ninho de Condores -.

O dia felizmente amanheceu. Finalmente era possível acompanhar tudo a minha volta. Aos poucos tudo ficava claro. Não saí da barraca imediatamente. Ao contrário. No lugar disso, permaneci por bom tempo dentro dela. A tarefa agora era a de esquentar a água para tomar o capuccino. Durante esse tempo, ouvi conversas do lado de fora e a confirmação que o tempo iria piorar e de que todos ali teriam a oportunidade de atacar o cume naquela noite, antes da virada do tempo. Atacar o cume naquela noite era algo fadado ao fracasso para alguém que não dormiu a noite anterior e que precisava de descanso. Ou seja, não era a condição ideal pra mim. Refleti bastante e procurei ser racional. Analisei a situação criticamente. Ponderei o estado físico e o desempenho na aclimação. Tudo indicava que somente por milagre eu chegaria ao cume caso tentasse naquela noite. Eu precisava de – pelo menos - mais um dia de descanso. Muita hidratação e uma noite de bom sono. Penso que muitas decisões de atacar ou não o cume são movidas pela razão; outras, inegavelmente, são em resultado da emoção. A verdade é que o montanhista

pode saber - com razoável noção - se terá condição de chegar ao cume em determinado contexto. Mais ainda: chegar ao cume não significa tudo. Você tem que chegar ao cume na hora adequada. No Aconcágua, a hora segura para chegar ao cume - dizem os mais experientes – parece ser até as 15 horas. O limite máximo é às 16 horas. Mais do que chegar, o montanhista deve ter forças para descer.

Ao ponderar todos os fatores, percebi que não poderia seguir naquele momento. Seria esforço inútil, espécie de penitência, algo em que eu não queria transformar minha viagem. O ataque ao cume seria feito do acampamento Berlim, muito próximo a Nido - ver foto do satélite - e mais perto do Cume. Deslocar-me até Berlim incluiria desmontar o acampamento, fazer respectivos preparos logísticos e o esforço da subida até lá. O contexto, ao analisar o ambiente externo e interno, não favorecia o ataque. Era claro para mim que andar até Berlim e tentar o cume seria algo que não me levaria a lugar nenhum. Não havia, então, sentido nenhum em tentar a ascensão somente para dizer que cheguei até 6100, 6500 ou perto do cume, uma vez que, por isso, pagaria o preço alto do desgaste desnecessário. Informei a minha decisão às pessoas que tentariam o ataque e percebi que não estava só. A quantidade de pessoas que seguem sem condições de ataque pode explicar muitas vezes a morte ou os acidentes. A busca por fama, ou por receber elogios alheios pode levar pessoas de auto-estima vacilante a decisões que signifiquem risco de morte.

Plic e Rosier, que não conseguiram ano passado, foram bem-sucedidos dessa vez. Alcançaram o cume e voltaram felizes ao Brasil. A alegria era justificada. Afinal, conseguiram transformar em sucesso o que no ano passado pode ter sido visto por muitos leigos como fracasso. Não tenho dúvidas de que cada um foi motivado por razões diferentes e espero que os objetivos tenham sido alcançados quando, enfim, chegaram ao cume. Merecem!

Comecei a experimentar a deliciosa sensação de relaxamento. Afinal, a decisão de permanecer em Nido, fez ressurgir em mim a sensação de ser turista. Aproveitei para tirar fotos e passear. Conversei com alguns alpinistas suíços e espanhóis sobre as montanhas, alpinismo e também sobre as particularidades dos países de origem.

Eu e Everton, alpinista gaúcho que também ficou em

Nido, fizemos planos de escaladas em rocha para quando voltássemos ao Brasil. Durante a tarde, a noite sem sono cobrou o preço alto. Obrigou-me a deitar na barraca e tentar descansar. Everton cuidou dos preparativos para o jantar. Derreteu a água, preparou capuccinos e, claro, dividiu a aspirina para combater a dor que castigava a cabeça dos dois. Dormiríamos à noite e despertaríamos no dia seguinte para desmontar o acampamento e iniciar a descida da montanha.

Ao acordarmos, chegara a minha vez de preparar a água e o café-da-manhã. Ele sentia dores fortíssimas e estava muito cansado. As dores de cabeça dele já me preocupavam. Eu queria realizar todas as tarefas o mais rapidamente possível a fim de iniciarmos a descida. Na altitude em que estávamos, dores fortes na cabeça podem significar início de edema.

Alexandre - que tentou o ataque ao cume - entrou em contato conosco pelo rádio e informou que descia para Nido e que desceria conosco. Esperamos ele chegar e quando tudo estava desmontado, iniciamos a descida. Tínhamos rádio talk about para a comunicação entre os integrantes do grupo e era importante, caso nos separássemos, manter a comunicação para saber onde cada um estava durante a descida. E foi o que aconteceu. Eu e Everton iniciamos a descida antes de Alexandre que tentava contato por celular com o Brasil. No início da descida, Eu e Everton cruzamos com alguns ingleses que chegavam a Nido de Condores e se assustaram com o tamanho de nossas mochilas, em especial a do Everton, que devia pesar 35 quilos.

A descida não foi fácil. O peso era muito grande. Para mim e para o Everton. Alexandre ficou enormemente desgastado em consequência da tentativa de chegar ao cume com a subida até Berlim. Descíamos - eu e Everton - quando por volta dos 5000 metros recebemos o chamado do Alexandre que pedia para alguém esperá-lo, pois estava muito cansado e tinha receio de desmaiar ou não conseguir. Eu e Everton paramos e aguardamos sentados. Retornei e disse que esperaria por ele e que o Everton desceria, já que estava com maior peso. E por conhecer Alexandre há mais tempo, era natural que eu esperasse. Sentia-me naquele momento muito cansado, mas não passava disso.

Perto dos 5000 metros tivemos que tomar uma de-

cisão conjunta diante da seguinte realidade: descer até Plaza de Mulas, o acampamento-base ou ficar no acampamento Canadá? Enquanto esperava por Alexandre e Everton, negociamos - por rádio - a melhor opção. Decidimos ficar em Canadá, pois estávamos cansados e não tínhamos atingido nem mesmo a metade do caminho para Plaza de Mulas. Mas pouco depois, com os argumentos que em Plaza de Mulas teríamos o jantar completo em algum domo da Inka - excelente empresa local que realiza expedições comerciais - a nossa espera, além de muito mais conforto, decidimos por descer até Plaza de Mulas.

Everton desceu na frente e pouco a pouco o perdi de vista. Quando Alexandre chegou onde eu estava, encontrou-me em plena refeição. Eu comia biscoitos e repartiu o que tinha com ele, que com certeza tivera o café-da-manhã insuficiente. Logo depois começamos a descer. Durante a descida, cheguei próximo a um glaciar que cortava a montanha. No meio desse glaciar havia um pequeno rio fruto do degelo, que dificultava a travessia. Como eu estava com a mochila pesadíssima, pensei que não poderia atravessar o glaciar com esse peso sem me desequilibrar e pior: sofrer queda, o que poderia me causar algum ferimento. Ao chegar em frente ao glaciar e na borda do pequeno rio, tirei a mochila e tentei arremessá-la para o outro lado. O objetivo era o de, então, sem o peso, e atravessar o glaciar e depois pegá-la. A idéia era boa, mas a concretização foi desastrosa. Arremessei a mochila. Ela caiu diretamente no pequeno rio. Imediatamente vi outro montanhista que mais acima olhava a cena, sem entender o porquê daquela opção por arremessar minha mochila no rio e ficou parado a olhar e acompanhar o desenrolar da situação. Ele não deve ter entendido nada do que via.

Por sorte, a mochila muito pesada atolou no meio do glaciar, sem deslizar. Eu pude pegá-la e, ao pisar praticamente dentro do riacho, retirei a mochila e a arrastei juntamente com barraca, isolantes e tudo mais que estava pendurado nela. Como se não bastasse, quase ao sair do glaciar fiz o movimento de colocar a mochila de 30 quilos de novo nas costas e perdi o equilíbrio. Escorreguei no glaciar e parei pouco depois na areia. Fiquei deitado por uns segundos para descansar e admirar a montanha sob essa nova perspectiva. Eu ria de mim mesmo e do quanto aquele glaciar me castigava. Levantei-me carregado de terra e pedras dentro das botas duplas, que molhadas por cruzar o glaciar começavam a esfriar o pé cada vez

mais. Fiquei sentado. Em poucos minutos avistei dois alpinistas que subiam. Eles se aproximaram a fim de saber se eu havia caído e se estava bem. Respondi sim duas vezes e permaneci ali sentado até Alexandre chegar àquele ponto.

Continuei a descida sem tirar as botas duplas que com terra e pedras incomodavam. Mas o cansaço era imenso e preferi naquele momento continuar a descer a arrumar isso. Foi uma decisão que mais tarde teria conseqüência.

Ao descer com Alexandre, procuramos estabelecer ritmo lento, embora eu costumeiramente tenha o hábito de descer ou melhor, movimentar-me rapidamente. Vício mesmo. Seja em montanha ou na rua. Continuamos a descida e em determinado momento, paramos no meio do caminho entre Canadá e Plaza de Mulas para descansar.

Parcialmente refeitos, começamos o trecho de descida mais íngreme. Em certo ponto, falei que estávamos no caminho errado, que aquela rota de descida apontava para um abismo e no final do abismo havia penitentes - formações de gelo pontiagudas apontando para cima -. Uns 5 minutos de breve discussão e decidimos mudar a rota. As condições climáticas pioravam. O dia começava dar lugar à noite e a neve começava a cair. Não era definitivamente o melhor momento para continuar na montanha. Tínhamos que descer mais rápido e alcançar Plaza de Mulas, a 4200 metros de altitude.

As pedras que eu decidira não retirar da minha bota começaram - a partir daquele momento - a funcionar como lâminas de barbear, e provocaram ferimentos no pé. O frio intenso potencializava a sensação de dor, que eu fazia de tudo para ignorar. E de fato a dor passou a ser algo que fazia parte, mas eu sentia que o pé estava ferido. Só não parei porque Plaza de Mulas já estava à vista. Mas as pedras na minha bota, o cansaço e a mochila, além da nevasca que nos ameaçava, fez com que a descida fosse a despedida inescusável da montanha. A dor era ao mesmo tempo insuportável e tinha que ser ignorada por em nome do bem maior: chegar mais rapidamente possível.

Já próximo à Plaza de Mulas e com sangue nos pés, havia o último glaciar a ser atravessado. Ao final dele - é possível avistar o acampamento-base - ver foto 29 -. Vencido o glaciar, finalmente em Plaza de Mu-

las, encontramos Everton que teve a ajuda de um americano para descer com a mochila de 35 quilos em determinado momento. Everton veio ao nosso encontro e comentou que me chamou várias vezes no rádio, pois enxergou - com auxílio de luneta - que nós - Eu e Alexandre - descíamos pela rota errada que nos levaria ao abismo. Disse-nos que não obteve resposta. Ficou preocupado, mas que em certo momento nós mudamos a rota. O rádio estava no bolso da minha calça e não ouvi nada. Por sorte, eu há alguns dias, estava na mesma luneta e conversava com Plic sobre essa mesma rota que alguns - por engano - decidiram trilhar.

Em Plaza de Mulas, o prêmio. O jantar no domo da Inka - pago com todo o prazer do mundo, com frios de entrada, depois sopa, depois pizza, repetida várias vezes. Muito suco e Coca-Cola também. Eu estava quase no paraíso. Tudo aquilo era muito luxo para quem desceu a montanha e teve - em muitos momentos - que derreter água para matar a sede. Quase o paraíso. Pois ao tirar as botas com dificuldade, pude perceber o que fiz com os pés. Basta dizer que um mês depois ainda exibia cicatrizes e um dos dedos dormente, graças aos efeitos do pré-congelamento. Mas está tudo bem...

No dia seguinte era chegado o momento de retornar para Horcones, a entrada do parque. Foi durante a caminhada que me peguei mergulhado em reflexões. Pensamento ocupado por aquilo de mais elementar que existe na vida. Eu desejava a cama, o banho quente; lavar os cabelos; comer muito, tomar refrigerante, beber água - sem terra, é claro - assistir à televisão; sentar no sofá, enfim, atitudes básicas, mas fundamentais e que agora possuíam valor diferente. Muito diferente. Entraram para a lista dos imprescindíveis.

A caminhada de volta foi a redescoberta da geografia com vegetação. Quanto mais descíamos mais encontrávamos flores e o verde. Quando vi passarinhos e ouvi o canto deles, era como se eu estivesse em outro mundo. Parecia retornar de viagem. Vinha de outra dimensão. Passamos por confluência, onde paramos e comemos biscoitos. Seguimos, então, para Horcones. Chegamos 12 dias depois ao ponto onde tudo começou. Eu achei o caminho bem diferente, mas foi exatamente o mesmo caminho trilhado por mim poucos dias antes. Parecia mais florido, colorido, com mais passarinhos a cantar, mas sabia que não

poderia ser. Eu é que via tudo com outra perspectiva. Eu é que havia mudado. Da mesma forma que o axioma fundamental da dialética afirma a inconstância das coisas: "nenhum homem se banha duas vezes no mesmo rio", talvez nenhum montanhista trilhe nos Andes a mesma trilha duas vezes. A trilha em algum grau já mudou e, com certeza, o próprio andinista também.

Considerações finais

Planejei vários meses a subida ao Aconcágua. Como se fora um homem apaixonado por uma mulher, a montanha não me saía da mente. Foram meses de coleta de informação, de informações desconstruídas e de elaboração de cronogramas. Todo o planejamento feito foi fundamental que eu obtivesse os melhores resultados e antecipasse aos eventuais problemas. Hoje, já posso oferecer conselhos e informações a quem for candidato a enfrentar essa montanha. E não é só: amanhã, as pessoas auxiliadas por mim, auxiliarão outras, e assim o montanhismo cresce e segue a própria ética. E, claro, voltarei ao Aconcágua em alguns anos. Tenho um projeto de fazer um documentário por lá e um cume a finalmente conquistar.

Deixo aqui registrada minha admiração a todos que se lançam em busca de sonhos e aventuras que pareçam loucura para "as pessoas comuns". Existe um poema que marcou minha transição de adolescente para a vida adulta, que é narrado no marcante filme "Sociedade dos Poetas Mortos":

"Fui à floresta porque queria viver plenamente e sugar a essência da vida. Abandonar tudo o que não fosse vida, e não, ao morrer, descobrir que não vivi."

Desejo que todos consigam descobrir a sua própria floresta. E que também suguem a essência da vida, e valorizem-na acima de tudo e agradeçam a Deus, o patrimônio maior de cada um.

No período de 12 dias em que estive no Aconcágua, morreram quatro pessoas, vítimas de edema pulmonar e cerebral, congelamento e fadiga. Lá, no Aconcágua, creio que já morreram quase 200 pessoas desde que a montanha começou a ser escalada oficialmente. Quantas mortes foram fruto da imprudência não se sabe. Somente se sabe é que o melhor de toda montanha sempre será retornar vivo. Vivo para aproveitar a existência ao lado da família e dos

amigos. Isso é que é viver.

"O bom de viver é estar vivo. Ter amor. Ter amigos".
(Herbert Viana)

Gerenciar o risco é algo que todo montanhista e alpinista deve fazer. Deve ainda antecipar-se a eventuais situações que quando reais, já terão a resposta eficaz, graças ao planejamento.

Mas, dentre as maiores lições que eu tive, a maior não aconteceu no Aconcágua, mas, sim, numa praça de Mendoza 3 dias depois. Ao andar com dois amigos, distraí-me e pisei o cadarço desamarrado do tênis. O corpo foi arremessado para frente com toda força. Para evitar a queda com o rosto no chão, protegi-me ao estender os dois braços. Na queda, o ombro direito foi deslocado. Senti muita dor. Eu mesmo coloquei o braço no lugar instintivamente, e fui à piscina do hotel, ignorando, ou tentando ignorar o fato. A dor estava lá, mas foi à noite piorou bastante. Ingeri os analgésicos e antiinflamatórios clássicos, mas foram apenas paliativos. Ao retornar ao Brasil - quatro dias depois - fui ao médico, pois ainda doía, o que comprometia os movimentos. O exame de raios X nada apontou. Fui submetido ao exame no ultra-som. Diagnóstico: encurtamento de tendão e abertura da cápsula articular maior do que o normal (sabia eu que fruto de um acidente de anos atrás já tinha causado esse problema na cápsula articular). Hoje, mais de um mês depois, alguns movimentos ainda não são possíveis, mas a dor já não incomoda.

Depois de subir uma das montanhas mais perigosas do mundo, foi em uma praça com crianças que brincavam a minha volta que sofri lesão mais séria. Cada um que tire suas conclusões sobre o significado de tudo isso.

Um abraço,

Rodrigo